

Kunhun Gá j̄ykre: Os projetos de futuro na retomada Konhun Mág (Canela, RS)

Clémentine Maréchal (IEB)
Maurício Vainh Tenh Salvador (UFRGS)

Introdução

Em janeiro de 2020, um grupo Kaingang decidiu iniciar um processo de recuperação do seu território do qual seus antepassados foram expulsos no final do século XIX e início do século XX, sendo uma parte deles massacrada pelas investidas madeireiras. Foram os espíritos desses antepassados violentados no território esbulhado que, através dos *kujá* (lideranças políticas-espirituais) e dos seus sonhos, chamaram de volta os Kaingang para o seu território cuja aldeia se encontra dentro da FLONA de Canela (RS). Guiados pelos *iangré* (animais guias), os Kaingang lutam e resistem contra repetidas reintegrações de posse, perseguição política, ameaças e violências diretas de parte da instituição. Esse trabalho colaborativo busca apresentar os projetos de futuro que nascem no processo de recuperação territorial, sendo esses frutos da reflexão coletiva orientada pelos saberes e ensinamentos dos *kujá*. Abordaremos assim a importância que as lideranças político-espirituais têm e mantêm nesse processo de construção da autonomia coletiva sendo que uma das primeiras iniciativas da comunidade de Konhun Mág foi a construção de uma casa de cura dedicada à realização de rituais de fortalecimento do povo Kaingang. Este relato etnográfico nos ajudará a entender os três conceitos chaves enraizados na política kaingang que se (re)cria em Konhun Mág: *vân*, a coragem, *kinhróg*, a sabedoria e *tár*, a força como interligados com a participação dos *kujá* nesse processo de retomada.

Histórico da retomada kaingang em Canela

A região da Serra Gaúcha, hoje mais conhecida pela sua influência italiana e alemã foi palco de enfrentamentos entre colonos europeus e indígenas Guarani, Kaingang e Xokleng. O *p'ai mág* (liderança grande) da região era conhecido como João Grande. Chamado também de Nicué, Nicuó ou Nivé, residia nas proximidades do Arroio Tiririca, cujas cabeceiras se encontram na área da FLONA.

Foi o pai de Maurício Salvador – atual cacique da retomada – Zilio Jägytyg Salvador que iniciou o processo de reivindicação do território que hoje se encontra sob administração da FLONA de Canela e sob ameaça de privatização. Foi no sonho que Zilio soube que ele e sua família teriam que voltar para a região de Canela. Os espíritos

dos antepassados que foram massacrados no local conhecido pelos Kaingang como Poço dos Caixões¹, se manifestaram e orientaram a liderança a retornar ao território do qual tinham sido expulsos a finais do século XIX. O cientista social e aliado dos Kaingang, Rodrigo Venzon comenta:

Na sua aprendizagem de kujá, ele [Zilio] teve acesso aos espíritos dos kaingang que foram massacrados e então ele solicitou uma pesquisa histórica e antropológica a respeito da história kaingang naquele local no sentido que os espíritos dos seus antepassados solicitaram a eles o seu retorno nessa área como o espaço onde eles poderiam viver conforme suas pautas culturais. (NOTA TÉCNICA 001/2020, 2020, p.16)

Em 2008, a Procuradoria da República do Rio Grande do Sul e o Ministério Público Federal solicitaram a realização de um informe que visaria a possibilidade de disponibilização de uma área adequada para uso, manejo, residência e preservação, dentro dos costumes tradicionais kaingang, na FLONA de Canela, Unidade de Conservação de Uso Sustentável subordinada administrativamente ao Instituto Chico Mendes. O relatório foi realizado em 2008 pelo cientista social Rodrigo Venzon e a antropóloga Ana Elisa de Castro Freitas (NOTA TÉCNICA 001/2020, 2020).

A finais de 2008, Zilio e seu grupo familiar decidem se instalar no parque municipal do Pinheiro Grosso como uma maneira de dar visibilidade a sua reivindicação. Funcionários da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) de Porto Alegre foram visitar às famílias kaingang que exigiram que a FUNAI realizasse os estudos de identificação, visando o reconhecimento da área da FLONA como área tradicional kaingang. Os Kaingang permaneceram durante 83 dias no parque, quando um pedido de reintegração de posse obrigou os Kaingang a se retirarem do local, porém a FUNAI tinha se comprometido a realizar os estudos preliminares, mesmo sem a presença dos Kaingang no local.

Cansados do silêncio da instituição indigenista, em 2015, os Kaingang liderados ainda por Jãgtyg decidem entrar na FLONA e se instalam em uma casa abandonada. Apesar dos esforços dos Kaingang que se deslocaram até a FUNAI de Brasília, a Justiça estadual do RS determinou a reintegração de posse contra as famílias kaingang que se retiraram pacificamente após a FUNAI ter prometido a realização dos estudos de identificação da área. Dois anos depois, em 2017, Jãgtyg faleceu em decorrência de uma doença pulmonar. Em setembro de 2018, um dos seus filhos, Maurício Vainh Tenh

1 Para mais informações sobre o local conhecido como Poço dos Caixões ver o documentário: “Konhun Mág, o caminho da volta à floresta de Canela” realizado por Clémentine Maréchal, Maurício Vainh Tenh Salvador, Guilherme Maffei e Maurício Freire de Campos em 2021.

assume a frente do processo de luta pela retomada do território Kaingang em Canela e resolve ocupar a sede da Coordenação Regional da FUNAI em Passo Fundo (RS) em forma de protesto diante das promessas não cumpridas pela instituição. No dia 25 deste mês, a FUNAI novamente se compromete a dar início aos trabalhos de qualificação de demanda para estudo tradicional em 10 (dez) dias após a desocupação do prédio, incluindo o pagamento de diárias de colaborador a três indígenas a serem indicados pela própria comunidade em um cronograma a ser definido, o documento foi assinado pelo representante da FUNAI, Luiz Carlos da Silva Junior. (NOTA TÉCNICA 001/2020, 2020). Dois funcionários da FUNAI e um pesquisador realizaram duas viagens de campo a final do ano 2018. Lá eles entrevistaram pessoas indígenas e não indígenas e visitaram locais de memória e sítios sagrados kaingang. Entretanto, nenhum relatório foi entregue nos prazos acordados com a comunidade. Assim, no início de 2020, os jovens kaingang descendentes de Zilio e suas famílias se instalaram novamente no interior da FLONA, dessa vez decididos a nunca mais sair.

Konhun Mág – Quem nos guia na retomada?

Da mesma forma que aconteceu com meu pai, foram os espíritos dos antepassados que se manifestaram para mim. No domingo 23 de fevereiro entramos aqui, na FLONA, para não sair mais. Sonhei antes de entrar aqui, sonhei que era o momento certo para entrar. Vi uma coruja no meu sonho e ela foi minha guia para retomar de novo a FLONA de Canela.

Muito do que a gente sabe e ensina aos nossos filhos na nossa retomada vem dos nossos kofá com quem a gente deve manter uma relação profunda de respeito, consideração e reconhecimento. Nós, chamamos isso de *kinhróg*, mas infelizmente não tem tradução em português. No caso da retomada Konhun Mág, mas também em muitas outras, até de outros povos indígenas (BENITES, 2012; 2014), os pajé, que nós chamamos *kujá* em Kaingang nos guiam e orientam na retomada. Por exemplo, Pedro Po Mág que nos acompanhou desde o começo da retomada nos deu coragem que nós chamamos na nossa língua de *vasãn* e força, *tár*. Ele tinha certeza que essa retomada ia dar certo. Passamos por muitos obstáculos difíceis e acho que sem o acompanhamento dele e sem seus conselhos, hoje não estaríamos na FLONA. Nos deu coragem para lutar de frente e perder o medo, porque sabemos que qualquer coisa que aconteça ele sempre estará nos vigiando, mesmo estando longe, estará nos cuidando. Ele nos ensinou também que temos que ter reconhecimento, respeito e consideração pelo outro. Foi ele

que me ensinou como me comportar como jovem liderança, sobretudo diante dos mais velhos: saber respeitar, saber ouvir, saber falar na hora certa. Infelizmente, por causa de tantos anos de humilhação e perseguição aos nossos *kujá*, eles escondiam sua sabedoria, mas nós aqui na retomada Konhún Mág, aos poucos, conseguimos quebrar essa barreira para que os mais novos conheçam e apliquem a sabedoria dos nossos *kofá*.

Guardiões dos saberes ancestrais, os *kujà* protegem os guerreiros cuidando dos seus corpos e guiando seus pensamentos. Indicam para eles as formas certas de se comportarem com os outros. Ensinam às jovens lideranças, como nós, valores como o respeito, a consideração e o reconhecimento para os seus *kofá* – práticas reunidas no conceito kaingang de *kinhróg* – para eles saberem como atuar (MARÉCHAL, 2021). Não é por acaso que os nossos *kujà* insistam para estarem presentes nos dias dos movimentos, pois são eles que cuidam os guerreiros e, enxergando os acontecimentos com antecedência, nos guiam e ajudam a tecerem nossas estratégias. Para alguns *kujà*, estar presente no momento da retomada é zelar ao bom desenvolvimento dos acontecimentos, é cuidar dos filhos e netos que estão “na linha de frente” das ações diretas.

Além de Pedro Po Mág, a *kujá* – que também é minha tia – Iracema Gah Té Nascimento nos fortaleceu muito antes e durante os primeiros momentos da retomada. Em dezembro de 2019, ela viajou até nós, na época a gente estava acampado na beira da estrada, ainda não tínhamos entrado na FLONA. Levamos ela para dentro junto com o grupo de estudantes da UFRGS com quem ela veio e ela se encontrou com os espíritos dos seus antepassados. Ela mesma relatou para Clémentine: “Quando eu vim aqui, quando botei meus ouvidos no chão, ouvi ainda os cantos debaixo da terra, ouvi os espíritos cantando com alegrias. (MARÉCHAL, 2021, p. 552). Sabendo que nossos antepassados pediam nosso retorno, nós ficamos com mais força e determinação para fazer o movimento, pois confiávamos que ia dar certo. Hoje, em agosto de 2022, nós seguimos aqui dentro, com muitos problemas com a administração da FLONA que hoje é dirigida por um militar. Envenenaram nossos cachorros, e mataram até uma raposa com esse veneno². Tentam nos criminalizar de todas as formas possíveis para nos retirar de nosso lugar. Mas a gente está firme, a gente vai aguentar, porque nossos projetos de futuro eles são a raiz do nosso povo, e essa raiz é inquebrantável.

2 Esses acontecimentos foram devidamente denunciados para o Ministério Público Federal.

A retomada Konhun Mág e seus projetos de futuro

Na sua tese de doutorado, Clémentine Maréchal identifica três aspectos das relações sociais e políticas que os caciques buscam transformar, ou preservar, no seio dos territórios em processo de recuperação. Estes se enraízam no pensamento *jýkre* dos *kofá* e nos saberes *kinhróg* dos *kujá*. O primeiro corresponde ao “desprendimento do individualismo”; o à “elaboração de uma nova política educacional para os jovens *kaingang*” e a terceira, à “criação de políticas preventivas e de aconselhamento” (MARÉCHAL, 2021, p. 569).

Em relação ao primeiro aspecto, Maurício Salvador enxerga no que ele chama de “luta por poder”, a incorporação pelos *Kaingang* de um modelo implantado pelos agentes do SPI e da FUNAI quando esses escolhiam as pessoas que seriam as lideranças oferecendo-as bens e dinheiro em troca da sua submissão³. Além disso, indo para universidade, Maurício percebeu que o modelo educacional era baseado na competição e não na cooperação, na coletividade e na união como os antepassados lhes ensinavam. Por isso, um dos desafios para os *Kaingang* da retomada *Konhun Mág* é a consolidação de uma educação diferenciada cuja metodologia seja radicalmente da utilizada pelos *fóg* (não indígenas). Isso não diz respeito apenas à “escola” como modelo educativo de aprendizado e formação mas sim à relação com os outros e com o mundo. No processo formativo *Kaingang*, os jovens devem aprender sua língua na qual – vinculada à sua cosmologia – reside os sentidos profundos dos valores a serem praticados em coletividade na retomada. *Kinhróg*, *tár* e *vãsan*, são por exemplo, três noções pilares que fundamentam a organização e as relações sociais *kaingang* nos territórios em processos de recuperação. É o que possibilitaria que os conflitos internos não sejam promovidos com base na inveja, na ganância e na luta por poder e que os que ocorrem sejam resolvidos em base a aconselhamentos e não através da cadeia, o conhecido “boi preto⁴”, implementada nos Postos Indígenas durante a época do SPI e reforçado com a atuação da FUNAI. Quebrando essa lógica, na retomada *Konhun Mág*, um Conselho está sendo criado em base a uma política de prevenção para evitar que algumas disputas se transformem em guerras.

3 A bibliografia sobre esse tema é abundante. Entre os *Kaingang*, ver por exemplo, os estudos realizados por Bringmann (2015), Carvalho (2020), Quintero e Maréchal (2020).

4 Eram chamados assim devido à escuridão pois eram casinhas pequenas feitas de madeira e sem janela com uma única abertura, a porta que era mantida fechada durante o tempo do castigo (MARÉCHAL, 2021, p. 112). Segundo Bringmann (2017, p.146) os castigos podiam durar até um mês.

Os apontamentos descritos até agora devem ser entendidos como enraizados no território. A política dos Kaingang de Konhun Mág é uma política da floresta (MARÉCHAL, 2021). Os ensinamentos dos *kujá*, que orientam os Kaingang de Konhun Mág, são todos aprendizados oriundos dos seres da floresta, principalmente dos *iangré* (animais guias) (ROSA, 2005, 2014; ROSA e CRÉPEAU, 2020; MARÉCHAL e HERMANN, 2018; MARÉCHAL, 2019, 2021). Ao mesmo tempo em que os Kaingang retomam o território e voltam a habitá-lo, é a floresta que retorna e vive novamente com a presença dos Kaingang no território. Os pássaros como a sávia azul aparecem para anunciar as boas e má notícias para os Kaingang, a coruja vem visitar a comunidade de noite como sinal que os antepassados estão cuidando dos guerreiros e das guerreiras. Até o *mĩg*, a onça, apareceu em Konhun Mág sob os olhos atentos dos Kaingang.

Além disso, a relação com a floresta ou “manejo socio-ambiental” – como os fóg falam - está sendo pensado através da importância das marcas, mais comumente chamadas de “metades cosmológicas” pelos antropólogos. Um dos princípios da organização social kaingang que os antepassados ensinaram e que os Kaingang de Konhun Mág buscam fortalecer é a complementariedade e o equilíbrio trazido por ela, nas relações sociais entre os Kaingang, mas também com os seres da floresta que convivem com os Kaingang na FLONA⁵. Para equilibrar a política, precisam ser duas pessoas responsáveis pela comunidade: um *p’ai* da marca Kamé, Maurício, e um da marca complementar, Kanheru-kré, Oséias. Tal equilíbrio acontece também no casamento, nas relações sociais de trabalho e também entre os *kujá* e os elementos que compõem a floresta.

Um dos elementos que ainda da corpo à política da floresta é a decisão de parte da jovem liderança de impedir a entrada de igrejas (evangélicas e católicas) dentro da retomada. Os Kaingang de Konhun Mág afirmam que precisam ser liderados espiritualmente pelos *kujá*. Não é casualidade se a primeira edificação a ser construída na retomada foi uma “casa de cura” dedicada às práticas de fortalecimento dos corpos realizadas pelos *kujá*.

A construção da Casa de Cura – Inh Kagtã na retomada Konhun Mág

Em novembro de 2021, Nilda Kengrimu Nascimento veio a falecer em decorrência do agravamento do quadro de Covid-19. Nilda é companheira de Zilio

5 Para mais informações sobre o tema ver os trabalhos de Sérgio Baptista da Rosa (2002), Rogério Reus Gonçalves da Rosa (2005; 2014).

Jãgtyg, mãe dos jovens que estão hoje à frente da retomada de Canela. Ela lutou ao lado da sua família pelo retorno dos Kaingang à região de Canela. Nilda é também irmã de Iracema Gãh Té Nascimento que como vimos é à sua vez, uma das *kujá* que acompanha a retomada Konhun Mág. A passagem de Nilda tem encorajado os *kujá* a se reunirem na retomada Konhun Mág para fortalecer os jovens que ficaram à frente da recuperação territorial. Para isso, em janeiro de 2021, aproximadamente um ano após a entrada dos Kaingang na FLONA, a comunidade Konhun Mág entrou em contato com um grupo de aliados compostos por universitários da UFRGS, militantes de movimentos sociais, todos integrantes da Teia dos Povos em Luta no Rio Grande do Sul⁶ com um pedido de apoio para organização de um mutirão de construção de uma casa de cura na qual os *kujá* poderiam realizar os rituais de fortalecimentos dos corpos dos guerreiros e guerreiras kaingang diante da intensificação da luta contra a privatização da FLONA e para barrar a atuação truculenta do Chefe da FLONA, Reinaldo Ferreira de Araujó, que por várias vias (judiciais e extra-oficiais) buscava intimidar os Kaingang.

Após realização de uma rifa solidária para viabilizar a compra de madeira, pregos e alguns materiais necessários à edificação da casa de cura, assim como uma articulação dos Kaingang com a Secretária Estadual de Saúde Especial Indígena (SESAI) para o traslado dos *kujá* da Terra Indígena Nonoai (RS) até a retomada de Canela, o grupo se reuniu na retomada na segunda semana de fevereiro de 2021 para realização do evento. As lideranças Kaingang orientaram os participantes sobre as atividades da semana: a busca de taquara e da palha no mato, a compra de madeira, a confecção das esteiras, a construção da estrutura da casa e a colocação do telhado.

6 A Teia dos Povos é uma articulação de comunidades, territórios, povos e organizações políticas, rurais e urbanas. Extrativistas, ribeirinhos, povos originários, quilombolas, periféricos, sem terra, sem teto e pequenos agricultores se juntam, enquanto núcleos de base e elos, nessa composição com o objetivo de formular os caminhos da emancipação coletiva. Ou seja, construir solidariamente uma Aliança Preta, Indígena e Popular. Para mais informações ver: <<https://teiadospovos.org/sobre/>> acesso em 25/08/2022.



Ka Kupri levando palha para a confecção do telhado da casa de cura – Foto: Alass Derivas

Ao som da música do grupo de dança da retomada, a equipe trabalhou a semana toda sendo observada pelo Chefe da FLONA que inclusive chegou a intervir numa tentativa de proibir a construção da casa de cura e da sua inauguração pretextando – através de um ofício do MPF de Caxias do Sul – que a realização do encontro com os *kujá* seria “ilegal”. Porém, o ofício apenas interditava a instalação de novas famílias Kaingang na FLONA até a finalização dos estudos do processo de demarcação da Terra Indígena a serem realizados pela FUNAI.

Na sexta-feira de tarde a casa de cura foi finalmente finalizada, e foi só nesse momento que os três *kujá* chegaram para abraçar seu povo. Jorge Kagnãg Garcia, Maria Garcia e Pedro Po Mág desceram do carro da SESAI no anoitecer, sendo recebidos pela comunidade que logo mais preparou comida e banhos de ervas para as três lideranças espirituais. Fogos de chão foram armados e as conversas fluíram acompanhadas pela música da flauta de Pedro Po Mág.



Pedro Po Mág na roda de conversa na noite anterior à inauguração da casa de cura – Foto: Alass Derivas

No dia seguinte foi dedicada à inauguração da casa de cura onde foram realizados rituais de fortalecimento dos guerreiros e guerreiras da retomada. Comida tradicional kaingang foi preparada pelas mulheres além de uma grande roda de conversa com os participantes que vieram de fora pelo evento. A Polícia Federal interveio no meio da inauguração, chamada pelo Chefe da FLONA. Com muita indignação as mulheres Kaingang, acompanhadas dos seus parceiros, levaram eles até a saída do território sem se deixar amedrontar pelas armas que carregavam.



Mulheres discutem com a Polícia Federal que entrou sem permissão na retomada Konhun Mág – Foto: Alass Deriva

Considerações finais

A política da floresta, descrita aqui abarca uma série de relações sociais que estão por ser tecidas novamente, seja entre os Kaingang, através do aconselhamento, seja entre os Kaingang e os seres da floresta, através dos planejamentos ambientais focados no retorno da floresta. São os *kujà* que respaldam com sua sabedoria *kinhróg*, a política dessas lideranças, e que fortalecem sua ação e seu pensamento através da valorização, na prática e na ideia, do *vãsân*, da coragem, e de *tár*, a força. O pensamento decolonial kaingang é levado adiante pelos *kujà* e vem se construindo na ação direta – as recuperações territoriais – ponto a partir do qual é possível colocar em prática uma nova política baseada nos ensinamentos dos *kofá*. Tanto Maurício como outras lideranças Kaingang à frente de processos de recuperação territorial enxergam seus processos de retomada como a construção coletiva de um modelo de sociedade diferente sendo esse um exemplo para as outras comunidades (MARÉCHAL, 2021).

A construção da casa de cura é um exemplo prático da implementação dessa política da floresta no território em processo de recuperação. É a materialização, no território que se recupera, da importância dos *kujá* para a construção dos projetos de futuro dos Kaingang. A (re)valorização, na prática, interna mas também como exemplo para outras comunidades e retomadas indígenas de saberes e conhecimentos que foram

perseguidos e humilhados durante todo o processo colonial que ainda se perpetua. Vale a pena destacar que essa valorização acontece interligada com os processos de luta contra a intensificação da repressão contra os Kaingang. Na medida em que se intensificam a violência e as tentativas – respaldadas pelo poder judicial ou não – de retirada dos Kaingang da FLONA, os *kujá* se tornam mais presentes.

A intensificação dos ataques perpetuados pelos governos contra os povos indígenas durante os últimos anos, inclusive de parte das instituições que pretendiam defender e protegê-los, fomentaram a busca de alternativas de luta e aliados por fora da via legal e dos caminhos institucionais. Ao mesmo tempo em que o reconhecimento pelo Estado brasileiro através da demarcação da Terra Indígena segue sendo um dos objetivos principais da luta dos Kaingang em Konhun Mág, a construção da autonomia também aponta para outros desafios. A guerra que os Estados coloniais-capitalistas declararam e reiteram contra os povos originários a cada assassinato, a cada negação de direitos, a cada perseguição tem despertado a necessidade de pensarmos outras formas de resistência e autodefesa.

Referências Bibliográficas:

BAPTISTA DA SILVA, S. da. Dualismo e cosmologia kaingang: o xamã e o domínio da floresta. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 188-209, 2002.

BENITES, T. Trajetória de luta árdua da articulação das lideranças Guarani e Kaiowá para recuperar os seus territórios tradicionais tekoha guasu. *Revista de Antropologia da UFSCar*, v.4, n.2, jul.-dez., p.165-174, 2012.

_____. *Rojeroky hina ha roiike jevy tekohape (Rezando e lutando): o movimento histórico dos Aty Guasu dos Ava Kaiowa e dos Ava Guarani pela recuperação de seus tekoha*. Tese de doutorado (Antropologia social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BRINGMANN, S.F. *Entre os índios do sul: uma análise da atuação indigenista do SPI e de suas propostas de desenvolvimento educacional e agropecuário nos Postos Indígenas Nonoai/RS e Xapecó/SC (1941-1967)*. 2015. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

_____. Narrativas singulares, experiências coletivas: história, memória e protagonismo Kaingang em tempos de SPI. In: NÖTZOLD, A. L. V.; ROSA, H. A.; BRINGMANN, S. F. (org). *História, cultura e educação indígena: protagonismo e diversidade*. Porto Alegre: Universidade Federal de Santa Catarina: Palloti, 2017. p. 133-160.

CARVALHO, R. N. *Kanhgang êg my há: Para um psicologia kaingang*. TCC (Graduação em Psicologia), Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

FARIAS, J. M. et al. *Nota Técnica: 001/2020 – Sobre a ancestralidade e tradicionalidade kaingang da área da Floresta Nacional de Canela (FLONA/ICMbio/MMA)*. Documento a ser apresentado ao Ministério Público Federal em Caxias do Sul em 10/03/2020. Porto Alegre: UFRGS/IFCH/NIT/LAE, 2020. 32 p.

MARÉCHAL, C.I. *Sonhar, curar, lutar: colonialidade, xamanismo e cosmopolítica Kaingang no Rio Grande do Sul*. Curitiba: Prismas, 2019.

_____. *Ëg ga, ãg kófa tú (a nossa terra é a nossa história). Território, trabalho, xamanismo e história em retomadas Kaingang*. Tese (doutorado em Antropologia Social), Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

MARÉCHAL, C. ; HERMANN, H. W. O xamanismo kaingang como potência decolonizadora. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 51, p. 339-367, mai./ago. 2018.

QUINTERO, P.; MARÉCHAL, C. Populações kaingang, processos de territorialização e capitalismo colonial/moderno no Alto Uruguai (1941-1977). *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 26, n. 58, p. 155-190, set./dez. 2020.

ROSA, R.R.G. *Os kuja são diferentes: um estudo etnológico do complexo xamânico dos Kaingang da Terra Indígena Votouro*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. O xamanismo kaingang, o poder e a floresta: uma análise da relação dos kujà (xamãs) com seus jagrë e santos do panteão do catolicismo popular. In: FLECK, E. C. D. (Org.). *Religiões e religiosidades no Rio Grande do Sul: manifestações da religiosidade indígena*. São Paulo: ANPUH, 2014. v. 3, p. 97-128.

ROSA, R. R, G; CRÉPEAU, R. Puissance et connaissance animale chez les Kaingang du Brésil méridional. *Antropologica*, v. 62, p. 60-69, 2020.

